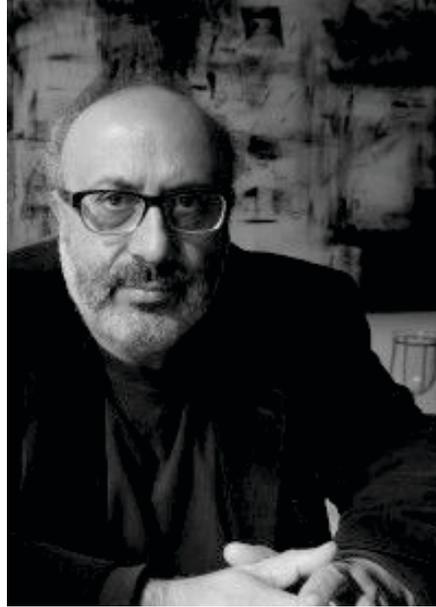


ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



“OS LEITORES DE FOUCAULT ESTÃO MAL-ACOSTUMADOS”:

EDGARDO CASTRO APRESENTA

UMA NOVA INTRODUÇÃO A FOUCAULT

Entrevista com **Edgardo Castro***

Entrevistado por Atilio Butturi Junior**, Natan Schmitz Kremer*** y Nathalia Müller Camozzato****

Nos dias 25 e 26 de setembro de 2024, recebemos o professor Edgardo Castro na Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, Brasil). Na visita, o professor Castro realizou uma série de atividades que tinham como tema o filósofo Michel Foucault e, especialmente, seus trabalhos recentemente publicados sobre o autor. Castro é Doutor em Filosofia pela Universidade de Friburgo (Suíça), Professor Titular de Filosofia na Universidade de Buenos Aires e Professor Titular de História da Filosofia Contemporânea na Universidade Nacional de San Martín. É também Pesquisador Principal do Consejo de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina, e coordena, na Siglo XXI Editores, a série Fragmentos Foucaultianos, casa que edita a obra do filósofo francês em espanhol.

* Edgardo Castro es Doctor en Filosofía por la Universidad de Friburgo, Suiza, Profesor Titular de Filosofía en la Universidad de Buenos Aires, Argentina, e Investigador Principal en el CONICET, Argentina. E-mail: edgardommanuelcastro@gmail.com.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Coordenador do projeto É só mais uma crônica, financiado pela FAPESC. E-mail: atilio.butturi@ufsc.br.

*** Doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, e bolsista FUMDES/UNIEDU (SED/SC). E-mail: natan.kremer@gmail.com.

**** Professora do Instituto Federal de Santa Catarina, em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: nathaliacrevisao@gmail.com.

Um dos mais destacados estudiosos de Michel Foucault, o professor Castro proferiu, no seminário *Foucault PorVir*, uma conferência de apresentação da nova edição de sua *Introdução a Foucault*, que tem como subtítulo *Guia para organizar e entender uma obra em movimento* – publicada em espanhol em 2023 pela Siglo XXI Editores, Argentina, e, em português, editada em 2024 pela Autêntica, com o título ligeiramente modificado *Uma nova introdução a Foucault*. Ele também ministrou uma palestra sobre *O discurso filosófico*, livro de Foucault publicado na França em 2023 e ainda não traduzido ao espanhol e ao português, assim como o minicurso *Arquivo-Foucault*, uma visão geral de suas publicações atuais e futuras. Por fim, nos concedeu uma entrevista sobre seu novo livro, que transcrevemos a seguir.

Natan Schmitz Kremer: Professor Edgardo, gostaríamos de agradecê-lo por sua disposição em vir a Florianópolis para participar do seminário *Foucault PorVir*, bem como por esta entrevista. As duas primeiras perguntas que pensamos em lhe fazer são mais gerais e se referem ao que pode ser encontrado na versão atual do seu livro *Uma nova introdução a Foucault*. Você poderia comentar o que podemos esperar dessa nova edição da sua *Introdução*? Porque, além de um novo capítulo sobre os anos de aprendizado de Foucault, a versão de seu livro se apresenta como reescrita com base nos últimos textos de Foucault que começaram a ser editados em 2018. O que ela traz de novo à discussão do pensamento de Foucault?

Edgardo Castro: A primeira edição de minha *Introdução a Foucault* é de 2014, ou seja, de 10 anos atrás. Naquela época, o estado da biblioteca foucaultiana era muito diferente do que temos hoje. Havia principalmente os livros que Foucault publicou em vida, as compilações de outros textos mais curtos, como *Ditos e escritos*, e seus cursos, sobretudo no Collège de France. Em 2014, o desafio era incorporar o material desses cursos. Mas agora temos um panorama bastante diferente, porque em 2018 as obras inéditas de Foucault começaram a ser publicadas. E desses trabalhos inéditos já temos vários volumes, que apareceram entre 2018 e 2023. Havia, então, primeiramente um problema quantitativo, que era incorporar esse novo material. Mas é claro que não se tratava apenas de um problema quantitativo, mas, principalmente, qualitativo. Portanto, foi necessário escrever uma nova introdução, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

O que há de novo nesta nova edição? O primeiro capítulo é completamente novo, porque agora temos muito material sobre o jovem Foucault, o Foucault da primeira metade da década de 1950. Mas isso também anda de mãos dadas com um interesse que não está relacionado apenas a Foucault, e sim com um interesse renovado entre os historiadores da filosofia francesa pela década de 1950. Há, por exemplo, uma série de trabalhos que surgiram sobre o hegelianismo da época, as relações entre filosofia e psicologia, etc. O contexto é, portanto, mais amplo do que o dos escritos foucaultianos. Nesse contexto, este primeiro capítulo aborda os anos de formação de Foucault, sua relação com Althusser e Jacques Martin, bem como suas leituras naquela época: a leitura de Kant, a leitura de Hegel, a leitura de Husserl. O que sabíamos sobre a leitura foucaultiana de Husserl, embora já soubéssemos de algo, era até agora muito mais limitado. Isso nos obriga a repensar o contexto concreto no qual Foucault vai formulando seus conceitos.

Dessa forma, deparamo-nos com o que eu definiria como um Foucault *in fieri, in progress*. Mas este é o ponto importante: não se trata de um *in fieri* diacrônico, um Foucault que passa de um estágio a outro, mas de um *in fieri* sincrônico, vertical. O que aparece nos textos de Foucault publicados recentemente? Com todas as dificuldades que apresentam, essas publicações nos mostram algo único, quer dizer, como Foucault passa de suas leituras à sua leitura; como ele vai transformando o que lê, seus fichamentos de leitura, em sua própria interpretação. E isso começa com um Foucault muito jovem, em torno de 23, de 24 anos, porque Foucault, desde essa época, se acostumou a passar muitas horas diárias na biblioteca. Alguém que morreu aos 57 anos e deixou todo o material que está preservado no *Fonds Foucault* da Biblioteca Nacional da França, aproximadamente 37 mil páginas, passou muitíssimo tempo na biblioteca. A maior parte da vida de Foucault, durante o dia, foi na biblioteca. À noite, a história é outra. Acredito que, com exceção de alguns dias festivos (Natal, Ano Novo...), a rotina de Foucault era de nove horas diárias na biblioteca. É por isso que este primeiro capítulo, completamente novo, remonta à década de 1950. E o último capítulo também está totalmente reformulado, porque agora podemos dar uma visão mais unitária dos últimos anos do trabalho de Foucault e mostrar como se articulavam as pesquisas sobre o poder pastoral, a confissão e a racionalidade política moderna.

Os capítulos entre o primeiro e o quinto (o segundo, o terceiro e o quarto) também têm muitos acréscimos e reformulações. O segundo tem o que advém dos trabalhos de Foucault sobre a psiquiatria, recentemente publicado. E os demais, o terceiro e o quarto, além dos acréscimos provenientes dessas novas publicações, também apresentam algumas reformulações importantes. Por exemplo, em relação à recepção do pensamento kantiano.

NSK: E da nova edição do seu *Vocabulário de Foucault*, que acaba de ser publicada no Brasil também pela Autêntica, o que podemos esperar?

EC: Essa nova edição do *Vocabulário* incorpora todo o material publicado até 2018. Ele deveria ser refeito. A tarefa se assemelha àquela narrada no mito de Sísifo: quando se termina, é preciso começar de novo, porque surgem novos textos. Seja como for, a *Introdução* é, até o momento, a mais atualizada que há em qualquer idioma. Pode ser que haja melhores, mas não mais atualizadas.

Atilio Butturi Junior: Gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre o que você falou sobre o primeiro capítulo da *Introdução*, sobre o jovem Foucault. Temos uma história semelhante à que Althusser faz com Marx. Althusser conta a história do jovem Marx e do Marx do materialismo dialético. Você não acha que se está fundando um tipo de “jovem Foucault” que estava estudando, que ainda não estava maduro, cujos textos não conhecíamos, porque ele não os publicou durante sua vida?

EC: Certamente, a ideia de um jovem Foucault, de um jovem Hegel... essas são ideias que se aplicam a muitos autores. Jovem tem dois registros possíveis de interpretação. Um deles diz respeito à idade cronológica. Até quando se é jovem? Eu não sei. Segundo os pitagóricos, até os 40 anos. E então, de acordo com os pitagóricos, se é imediatamente velho. Ou seja, para os pitagóricos nunca somos maduros. Jovem e velho são os dois estados da vida. Portanto, há um registro cronológico, mas, depois, há um registro intelectual, a ideia de falar da juventude como oposta à maturidade. Eu não acredito nisso, não uso jovem nesse sentido. É claro que há decisões a serem tomadas, assim como uma data precisa ser estabelecida. Então, até quando Foucault é jovem? Até 1961, que é o ano de publicação de sua tese, *História da loucura na idade clássica*. Esse não é o início de outro Foucault, mas do Foucault que tem sua tese de doutorado e começa a pensar e trabalhar em outros registros com base em suas pesquisas anteriores.

O jovem Foucault é um Foucault imaturo? Para mim, esse não é o critério. Porque, no fundo, poderíamos dizer que o do meio é imaturo em relação ao último, e assim descartamos tudo. O que eu sei é que, para tomar outro autor como exemplo, a compreensão que temos de Heidegger hoje, de uma obra como *Ser e Tempo*, mudou muito com a publicação de seus escritos do período de Marburg, anteriores a *Ser e Tempo*. E isso vai acontecer com Foucault. Isso se mostra pela experiência de leitura de vários autores. Embora haja uma certa tendência, nas primeiras recepções desses escritos, de dizer “bem, ele é imaturo”, acredito que essa é uma forma de justificar e, sobretudo, de justificar-se por não fazer o esforço de ler esses textos, que não são de fácil acesso, que vão além do que poderíamos chamar de vulgata foucaultiana. Por quê? Porque o leitor foucaultiano está mal-acostumado. Houve um foucaultianismo intelectualmente muito exigente, o de *As palavras e as coisas* e *Arqueologia do saber*. Depois, contudo, vieram os cursos que, embora exijam um esforço de leitura, são mais acessíveis, especialmente por conta do registro oral. Não estou dizendo que são fáceis, mas se pode deixar levar. Foucault de vez em quando retoma, reformula, resume, reconsidera. Bem, esse registro oral está ausente nos inéditos. É necessário outro esforço de leitura.

Há pessoas que, mesmo conhecendo textos de outras épocas, abrem os textos inéditos e não entendem do que se trata, porque se acostumaram a um Foucault marcado em grande parte pelo registro oral. Isso acontece principalmente no campo das Ciências Sociais. Os inéditos de Foucault exigem um conhecimento mais amplo da filosofia, em particular da filosofia alemã clássica, da qual Foucault se valeu em seus anos de formação. E não de autores menores, digamos: Kant, Husserl, Hegel, o próprio Nietzsche; e também Dilthey e Feuerbach. E, é claro, os grandes autores da era clássica, como Descartes, Malebranche e Spinoza. Há a exigência de reler a história da filosofia, e isso, para mim, é, ao mesmo tempo, fascinante e extraordinário. Espero que isso ajude a orientar a vulgata foucaultiana, a repensar Foucault.

ABJ: Hoje, em sua palestra, ficou muito claro o que você disse sobre as interpretações de Foucault em relação ao neoliberalismo, ou seja, a conotação negativa que a categoria de biopolítica estava assumindo. A partir disso, em seu *Vocabulário*, há um pequeno verbete sobre o tema “resistência”, que leva ao verbete “luta”. Lá você escreve: “A possibilidade de resistência, para Foucault, não é essencialmente da ordem da denúncia moral ou da reivindicação de um determinado direito, mas da ordem estratégica e da luta”. Então, eu lhe pergunto: é possível pensar que temos uma resistência que é analítica, descritiva, e uma resistência que é moral, prescritiva?

EC: Sim, na verdade são várias questões. Há uma vulgata, uma leitura comum em grande parte da produção sobre a obra foucaultiana, que é a seguinte: pega-se um texto, parafraseia-o e depois acrescenta-se uma cota moralizante, cujo conteúdo é fundamentalmente “o neoliberalismo é mau”. E, é claro, isso é facilmente aceitável, porque há boas razões para pensar assim. Mas isso não vai muito longe. A leitura negativa da biopolítica foi, em geral, um efeito da biopolítica italiana e, particularmente, da biopolítica de Agamben. Acho que aqui é preciso introduzir diferenciações; Foucault não é Agamben, nem Agamben é Foucault, e é preciso distingui-los. A construção Foucault-Agamben é muito discutível. E é necessário que se faça essa discussão.

Foucault teve particular interesse pelo liberalismo e pelo neoliberalismo, um interesse a partir da esquerda e mesmo a partir da crise da esquerda. Era um momento particular na França, quando a esquerda, pela primeira vez, teve a possibilidade de acessar o poder por meio do voto em um experimento político chamado União da esquerda. A união terminou em desunião, mas, de fato, Mitterrand acabou sendo eleito presidente e o ciclo socialista, do qual Foucault era muito crítico, começou. Mas não apenas Foucault. Se considerarmos a literatura francesa da época, essa crítica também se encontra em autores como Rosanvallon ou Deleule, que escreveram sobre o liberalismo na mesma época em que Foucault se ocupava desse tema. Há uma série de trabalhos de autores de esquerda, intelectuais de esquerda, politicamente ligados a uma seção do Partido Socialista, que era a de Michel Rocard, que escrevem sobre o liberalismo e o neoliberalismo. Isso ocorreu em 1978 e 1979. Nem Margaret Thatcher nem Ronald Reagan haviam chegado ao poder. Eles estavam chegando. Não tínhamos o experimento neoliberal da década de 1980. Esses textos são anteriores. Esse é o primeiro ponto a ser entendido.

Para nós, o neoliberalismo é marcado pela experiência de Ronald Reagan e Margaret Thatcher. Ou seja, uma economia monetarista, um processo de privatização e um processo de globalização. E o processo, é claro, de desmantelamento da seguridade social. Essa é a nossa ideia de neoliberalismo. Mas Foucault não está falando sobre esses experimentos em concreto; ele não está falando apenas sobre isso ou principalmente sobre isso, nem esse é o foco crítico de Foucault. Foucault está falando sobre o liberalismo do século XVIII como matriz da crítica da política. Além disso, em *O que é crítica?*, uma palestra de 1978 que é contemporânea a *Segurança, território e população*, Foucault apresenta uma genealogia da crítica, na qual ele a remonta precisamente ao liberalismo, ou seja, ao não queremos ser tão governados. Não queremos que o Estado interfira tanto em nossas vidas, algo com o que em princípio estou de acordo, e qualquer pessoa com senso de liberdade concorda. Em outras palavras, a maneira como temos de viver é algo que não deve ser decidido pelo Estado. Em todos os sentidos. Mas é preciso sublinhar que Foucault não diz “não queremos ser governados”, não é o anarquismo, mas “não queremos ser tão governados”. E Foucault faz disso o princípio do liberalismo; fundamentalmente, o liberalismo como uma crítica ao quanto da governamentalidade.

A partir daí, Foucault se interessa pelo neoliberalismo. Interessa-se muito e, além disso, pode-se ver em Foucault certa sintonia ao ordo-liberalismo. Mas o ordo-liberalismo, o neoliberalismo alemão, não é a Escola de Chicago, não é a chamada Escola Austríaca. E parte do trabalho que Foucault fez em *Nascimento da biopolítica* foi redescobrir o famoso colóquio Lippmann, de 1938, que, para Foucault, é a certidão de nascimento do neoliberalismo (em princípio, diríamos que ali que o termo foi cunhado). Mas nessa reunião há duas vertentes muito diferentes, a austríaca, de um lado, e a alemã e francesa, de outro. Qual é a grande discussão entre essas duas linhas do neoliberalismo que terminarão por se separar? Bem, se a ordem é espontânea ou produzida. Em outras palavras, os austríacos dirão “não, veja bem, na sociedade poderíamos prescindir do Estado ou, em sua maior parte, prescindir do Estado, porque a ordem social é gerada espontaneamente”; os alemães, ao contrário, dirão “não, o Estado é necessário e o mercado é uma produção do Estado”. Eles sustentam, por exemplo, a necessidade de um banco central, de políticas sociais, etc. O que acontece depois? Ocorre que os neoliberais alemães, os ordo-liberais, após a guerra, vão reconstruir a Alemanha e, em grande parte, a Europa. Na reconstrução da Europa, as ideias do ordo-liberalismo alemão foram muito importantes, influenciando algo que, na época, foi

definido como uma economia social de mercado: um Estado forte, mas não onipresente; um Estado limitado, porque vinham da experiência nazista.

Os austríacos vão emigrar aos Estados Unidos (von Mises, Hayek), e lá isso se combina com as tradições individualistas e com o anarquismo americano, um anarquismo diferente do anarquismo europeu, porque o anarquismo europeu é principalmente socialista e o anarquismo americano é principalmente individualista. Estou pensando em Lysander Spooner, um autor do século XIX. Assim, surgirá outra forma de neoliberalismo, pela qual Foucault também está interessado. O neoliberalismo é uma galáxia que Foucault analisa e da qual há elementos que ele valoriza e resgata. Acima de tudo, a necessidade de limitar a ação do governo. E há elementos que ele critica, como a tendência securitária do neoliberalismo. Então, o que é *Nascimento da biopolítica*? Não é uma moral, é uma análise do liberalismo, com principalmente uma tese: não há política moderna que não seja liberal. Porque, onde quer que estejamos no espectro político moderno, nos inscreveremos em uma das dimensões do liberalismo, que são basicamente três. 1) Há uma dimensão ética do liberalismo, que atravessa tanto as posições de esquerda quanto as de direita. É a ideia de liberdade individual (que todos possam fazer o que quiserem de suas vidas; pluralidade de objetivos; liberdade de consciência; liberdade de expressão). 2) Há um liberalismo político, que é principalmente o republicanismo (voto popular; divisão do poder). 3) E há um liberalismo econômico. Mas não há política moderna que não seja, de alguma forma, liberal. Isso é algo que Foucault vê claramente. Mesmo as posições mais à esquerda são, em alguma medida, liberais. Não é casualidade que em inglês *liberal* signifique progressista.

Depois, a partir da década de 1990 é gerada uma história do neoliberalismo que é um problema diferente, porque gera um liberalismo conservador. Como isso aconteceu? Bem, isso é fundamentalmente um produto inglês, dos Estados Unidos e da Inglaterra, porque o liberalismo econômico teve de se combinar com o militarismo, com uma política externa militarista. Isso aconteceu com o liberalismo, mas também aconteceu com o socialismo, porque o estado de bem-estar social nos Estados Unidos andou de mãos dadas com o estado belicista. Há muito a criticar de um lado e de outro; acreditar que isso está dividido entre o lado bom e todo o demais é ruim é simplificar e, acima de tudo, a coisa mais arriscada a nível político, abandonar a dimensão da crítica. Surge, então, a ideia da bela consciência moral, que acredita que a política consiste em dizer aos outros o que dizer, fazer e pensar... esse é o problema. Foucault não é isso. A ideia de Foucault é que é sempre preciso criticar o evidente, mas, acima de tudo, é preciso sempre criticar.

Agora você pode dizer qualquer coisa, mas há uma série de medidas de controle. Pense nas redes sociais: estamos em uma sociedade em que ninguém lhe presenteia a liberdade, a liberdade é sempre uma conquista; quando lhe é dada, há alguma maneira de cobrar por ela. Há muito trabalho a ser feito aqui, que vai além de repetir os textos de Foucault, sobretudo em chave moralista ou, poder-se-ia dizer, humanista. É um assunto tão atual quanto empolgante.

Nathalia Müller Camozzato: Se a biopolítica é uma espécie de ferramenta conceitual para vários autores, de uma forma que nem sempre é idêntica e nem sempre em seu registro estritamente foucaultiano, como você escreveu em *Biopolítica: origens y derivas de un concepto*, o que você diria da problemática biopolítica pensada de forma difrativa (proliferando e apostando nas diferenças), que coloca como agente de lutas não apenas as materialidades humanas, ou uma materialidade recalcitrante, mas também se apropriando do conceito, fazendo-o expressar outras lutas, como a tecnobiopolítica de Donna Haraway, proposta no momento específico do surgimento da epidemia de HIV, ou as constituições da ordem ciborgue, ou a zoopolítica de Rosie Braidotti, que, a partir de uma perspectiva vitalista, pensa a Zoé como uma força geradora envolvida em uma ética afirmativa?

EC: Sim, há pelo menos duas coisas que eu gostaria de dizer sobre isso. Há uma ideia em Foucault que, em geral, é esta: pensar em certas dimensões como processos de dessubjetivação, mas, depois, pensá-las novamente como processos de subjetivação. Isso ocorre com vários conceitos, em geral com os conceitos fundamentais de Foucault, ou com os problemas fundamentais de Foucault, como, por exemplo, com o discurso. Pensar uma discursividade dessubjetivada e depois explorar o lugar em que a subjetividade pode retomar a dimensão do discurso: o arquivo como um processo de dessubjetivação do discurso; a parresia como processo de subjetivação do discurso. E o mesmo vale para a vida. O que é biopolítica? É o momento em que Foucault pensa a vida dessubjetivada, porque a biopolítica é, para Foucault, fundamentalmente a vida da população. Não é a vida de um Eu, sequer de um Nós, mas uma série de dados estatísticos e fundamentalmente biológicos em que não se pode dizer propriamente nem Eu nem Nós.

E depois Foucault pensará em como ressubjetivar a vida, que é o problema da ética como conjunto de técnicas para a subjetivação da própria vida. Certamente, há dimensões da atualidade que Foucault não previu, como a questão tecnológica. A subjetividade é uma problemática que é definida hoje com parâmetros que não estão nos textos foucaultianos, porque não há muito de tecnologia no sentido atual em seus textos.

ABJ: Em que sentido você pensa a tecnologia em Foucault?

EC: Não há muita tecnologia no sentido da nossa tecnologia. A tecnologia é um conceito ao qual Foucault claramente se dedica, mas em um registro diferente – ele não está falando sobre a internet, não está falando sobre telefones celulares, não está falando de coisas desse gênero. Mas o interessante é que a técnica ou a tecnologia é, para Foucault, um processo de subjetivação. Quando Foucault lida com esses conceitos, do que ele está falando? De técnicas de si, de tecnologias do eu. A tecnologia, nos termos de Foucault, não é algo que se opõe ao sujeito, mas exatamente o contrário. Mas há em concomitante outra tradição, na qual a técnica e a tecnologia são processos de objetivação, não de subjetivação. Essa é a tradição heideggeriana, fortemente heideggeriana, na qual grande parte da questão biopolítica contemporânea é retomada.

Há um problema sério aqui, o das duas formas de abordar o problema das técnicas, da tecnologia da vida e da subjetividade. Grande parte da produção sobre a biopolítica repete uma receita que não leva a lugar nenhum. Eu me dedico à filosofia, não faço análise sociológica ou coisas similares; mas tenho a impressão de que há muitos estudos sociológicos que não querem saber o que a sociedade realmente pensa. Nesses estudos, as coisas que acontecem à sociedade são simplesmente deduzidas, e isso não me parece estar muito de acordo com a maneira de Foucault de trabalhar. A dimensão efetivamente histórica é fundamental às análises foucaultianas. Daí toda a polêmica com o conceito de ideologia.

NSK: No quarto capítulo de sua *Introdução*, você comenta que, de acordo com Foucault, os dispositivos de biopoder foram necessários para que o nazismo fosse possível. Assim, por exemplo, está em *Em defesa da sociedade*, publicado em 1997 (embora parte dele já tenha sido publicado na Itália em *Microfísica do poder*). Mas *Homo sacer I*, de Agamben, é de 1995. Em um artigo publicado recentemente no México (*Para uma genealogia de la biopolítica italiana*), você escreve que Agamben “faz dos campos de concentração o lugar por excelência e o paradigma da biopolítica”. Há uma inversão, na leitura de Agamben, do que mais tarde se soube ser a leitura de Foucault. Você poderia comentar sobre isso? Claro, existe a anedota de que se o que Agamben toma de Foucault em *Homo sacer I* está ou não em *Ditos e escritos*.

EC: Em Foucault, de fato, não é como em Agamben. Em Foucault, a ideia de biopolítica não é necessariamente uma ideia negativa. Para Foucault, o surgimento da biopolítica está relacionado ao momento em que, no Ocidente, tornou-se possível para a sociedade gerenciar as pandemias. Quando isso aconteceu? No século XVIII. Isso abriu uma nova possibilidade biológica ao homem. Surge então esse personagem, que é a população, como uma realidade biológica que se torna governável. Essa é a novidade da biopolítica, e o instrumento para governar biologicamente a população é a estatística. Surge, então, toda uma nova problemática no nível da racionalidade política. E Foucault diz explicitamente que é para melhorar a vida, para aprimorar a vida. Desse modo, ele contrapõe este novo poder, que é o biopoder, e especificamente a biopolítica, ao poder soberano. O biopoder é um poder de fazer viver ou de deixar morrer. A soberania, a sua vez, é um poder de fazer morrer ou de deixar viver. Essa é a formulação de Foucault. A soberania e a biopolítica são inversas. Esse poder político e médico sobre a vida gera uma série de instituições e instrumentos. O que acontece no século XX é que o poder soberano de matar se utiliza das instituições e dos instrumentos do biopoder, mas não para melhorar a vida, e sim para eliminá-la. Aqui o poder sobre a vida se torna um poder de morte. A rigor, não se trataria de uma biopolítica, mas de uma necropolítica, uma tanatopolítica, para manter o registro grego. Mas por que isso sucede? Porque a biopolítica é colonizada pelo velho poder soberano.

A análise de Agamben é diferente; para ele, a biopolítica e a soberania se sobrepõem. A biopolítica é sempre negativa porque atua no dispositivo soberano de fazer morrer. Aqui Agamben articula conceitualmente vários registros. O de Foucault, é claro, e o de Carl Schmitt, mas também o de Hannah Arendt e outros. Qual é a genialidade de Agamben? *Homo sacer I* é um texto obviamente brilhante e extremamente importante. Essa genialidade pode ser explicada pelo que se chamou de segunda esquerda. Trata-se de um processo que encontra terreno em diferentes países, não com as mesmas modalidades, mas mais ou menos no mesmo período, que é a primeira metade da década de 1970, quando a esquerda perde suas referências habituais e, além disso, passa pelo processo do que foi o longo maio de 68. Naquele então, houveram duas saídas ao marxismo italiano: uma era Foucault e a outra, Schmitt. Assim, surgiu um Schmitt de esquerda, por mais estranho que isso possa parecer. Como esse Schmitt progressista surgiu também é um tema. Mas, voltando à pergunta, qual é a genialidade de Agamben? Ela consiste em não dizer “ou”, não um ou outro, mas os dois juntos. E, dessa forma, ele redefine o jogo conceitual no universo do pensamento político italiano e além dele.

Agora, em *Homo sacer I*, nas páginas iniciais, Agamben cita um suposto texto de Foucault (ele parece sugerir que se encontra na página 719 do volume 3 da edição de 1994 de *Ditos e escritos*, no qual Foucault falaria de animalização a respeito do processo político biopolítico). Esse texto, na verdade, não existe. O problema é que é um texto-chave para Agamben, porque expressa o núcleo de sua interpretação de Foucault. Isso já foi discutido em muitos lugares, eu mesmo disse isso a ele uma vez. O texto que diz ser de Foucault provem do livro de Dreyfus e Rabinow sobre Foucault.

ABJ: Para você, Espósito faz a mesma leitura negativa da biopolítica? Parece-me que Espósito, nesse ponto, é diferente de Agamben. Ele estaria na mesma chave de leitura negativa da biopolítica? Porque ele recupera a tanatopolítica e faz dela um paradigma imunológico.

EC: A história da biopolítica italiana foi dominada pelo texto de Agamben, mas acho que há coisas que precisam ser corrigidas aqui. Em primeiro lugar, o problema da politização da vida biológica em Espósito é anterior ao livro de Agamben, e até mesmo o uso do termo biopolítica é anterior em Espósito, embora Espósito não o tome de Foucault. Em Espósito há uma biopolítica negativa e uma biopolítica positiva; em Agamben essa diferença, assim formulada, não existe. Mas Espósito tem um grande desafio com Foucault. Para Espósito, a política moderna remete inevitavelmente a Maquiável, e Foucault escreve uma história da racionalidade política moderna como se Maquiável não tivesse existido. Maquiável também não é importante para Agamben. Suas referências a Maquiável são escassas. Em *Homo Sacer I* não tem qualquer importância. Agamben também faz como se isso não tivesse existido. Schmitt é seu autor fundamental.

Espósito tem uma elaboração diferente, na qual a perspectiva de Maquiável é fundamental. Como consequência dessa perspectiva maquiavélica, para Espósito a biopolítica é tanto negativa quanto positiva. Seu problema fundamental é como se passa de uma a outra: como uma política de vida se torna uma política de morte? Sua resposta é o paradigma imunológico. É aí que, para Espósito, o nazismo está localizado. Mas, na verdade, Foucault lida pouco com o tema do nazismo. E o mais importante para pensar a política moderna, em Foucault, é o liberalismo, não o nazismo – em Agamben e Espósito é exatamente o contrário. Ele não nega sua importância, é claro, mas o registro de Foucault para pensar a racionalidade política moderna é o registro liberal.

Há muitas coisas a acrescentar aqui, mas o certo é que há alguns parágrafos sobre o nazismo em *A vontade de saber* e a lição de 17 de março de 1976 de *Em defesa da sociedade*. Depois, há algo em *Nascimento da biopolítica*, que é uma tese exatamente oposta à de Agamben. Para Agamben, o nazismo se explica por uma inflação do Estado; para Foucault, o nazismo não é mais Estado, senão menos Estado. Como Foucault explica o nazismo? Porque o Estado foi subordinado a um partido, pelo que ele chama de governamentalidade de partido. Este é um conceito que, infelizmente, não recebeu toda a atenção que merece. O nazismo, portanto, não é explicado como inflação do Estado, mas como uma diminuição do Estado por sua subordinação a um partido. Uma explicação diferente e oposta, por exemplo, à de Agamben.

ABJ: Com relação aos intervalos na publicação dos livros de Foucault, e especialmente o último deles, de 1976 até o ano de sua morte, isso poderia ter algo a ver com as consequências de sua falência corporal decorrente do HIV? Além disso, o HIV é um tema que você encontrou em seu trabalho com os textos inéditos de Foucault? Há alguma reflexão sobre a doença em seus diários, por exemplo? Algo mais pessoal sobre o corpo, experiências sexuais...

EC: Em primeiro lugar, é preciso dizer que a interpretação dos intervalos nas publicações dos livros de Foucault decorre muito da leitura que Deleuze fez deles; mas, especialmente à luz do estado atual de suas publicações, isso é discutível. Em segundo lugar, com relação à doença, no início do ano em que Foucault morreu ele acreditava não ter HIV, e sim que se trata de outra coisa. Entre 1983 e 1984, o principal sintoma do HIV era o sarcoma de Kaposi. Foucault não tinha o sarcoma, então começaram a pensar em outras possibilidades. Havia todo um mistério sobre isso, inclusive sobre a declaração médica no momento da morte de Foucault. Daniel Defert, seu companheiro, foi um dos que mais contribuiu à visibilidade do assunto na França após a morte de Foucault. E o desconforto de Daniel Defert com o Estado francês é em parte motivado por essa questão, nas ações de luta em favor dos pacientes com HIV.

Mas me parece que há algo que conecta essa pergunta à sua pergunta anterior. Veja, *A vontade de saber* é uma analítica do poder. Mas essa analítica do poder anda de mãos dadas com uma analítica da sexualidade. Um dos efeitos do discurso biopolítico é que ele deslocou esse eixo da análise foucaultiana. Em grande parte, ele deixou de lado o problema da sexualidade, que ocupa um lugar central na análise foucaultiana do poder. A importância da biopolítica para Foucault está intimamente ligada à sexualidade. Se eu fosse fazer algo nesse sentido, eu retomaria a analítica da sexualidade. Não sei se vou fazer isso, porque não tenho tempo e, além disso, cada um é cada um, eu posso me fascinar mais, por exemplo, com a interpretação de Foucault da filosofia da aritmética ou da época clássica, e menos com esses temas. Cada um coloca seu desejo e prazer onde o encontra. Mas, voltando ao assunto, percebo que o problema da analítica da sexualidade deve ser retomado. Se fizermos uma leitura muito detalhada de *A vontade de saber*, perceberemos que, ao fim, não há apenas dispositivos disciplinares e dispositivos biopolíticos ou de segurança, mas há uma série de dispositivos que Foucault chama de duplo impulso, ou dupla impulsão. O que acontece se eu procuro te disciplinar, mas você encontra prazer em escapar do que eu procuro fazer com você e em me provocar a discipliná-lo? Em outras palavras, há algo ali, Foucault não usa essa expressão, digo isso um pouco como hipótese de pesquisa, mas há algo como um núcleo sadomasoquista na teoria foucaultiana do poder. Acho que vale a pena explorar isso: o masoquismo como categoria ético-política. O que há no fundo do poder? Há dissimetria. Há um jogo de dissimetria, ainda que o importante seja que essa dissimetria seja um jogo. Um jogo não no sentido lúdico, mas no da alternância de papéis. Que não seja uma situação bloqueada, mas precisamente um dispositivo de duplo impulso. Se é preciso repensar o poder, é preciso pensar em tudo isso. Parece-me que há nisto uma pista interessante, mais criativa do que tantos artigos chorosos sobre biopolítica.

Mas, para dar continuidade ao que você pergunta, há dois livros publicados recentemente que se voltam ao tema das práticas sexuais de Foucault. Um deles é *Foucault à Varsovia*, de Remigiusz Ryzinski, sobre as experiências homossexuais de Foucault na Polónia. Embora parte dessa história fosse conhecida, o pseudônimo usado pelos serviços de inteligência do Leste para controlar Foucault ainda não era sabido. Ryzinski teve o mérito de desvendá-lo e conseguiu chegar aos documentos que não eram conhecidos (o amante polonês de Foucault era um espião e há documentação das viagens de Foucault a Varsóvia e de seu amante a Paris). O outro livro acaba de ser publicado na Espanha, é um estudo sobre Catherine Robbe-Grillet intitulado *El contrato de prostitución conyugal*. Ela foi a grande dominatrix da França. Foucault se movia em seu círculo. E algumas coisas aparecem ali. É um livro escrito em espanhol, seu autor é José Lázaro e foi publicado pela editora Triacastela. Com muito pesar, perdi o lançamento. A própria Catherine iria a Madri para lançar o livro. Vocês conhecem Robbe-Grillet pela literatura, Catherine era sua esposa. Eles tiveram alguns desentendimentos sexuais, mas chegaram a um acordo: ela poderia ter quantos amantes quisesse, mas permaneceria casada com ele. E até mesmo o editor de Robbe-Grillet chegou a um acordo com ele: que estava tudo bem, que ele o esperaria com seus livros atrasados, mas que ele tinha que ceder sua esposa para ele. Em suma, acho esses registros mais interessantes do que aqueles sobre a doença.

Sobre qual Foucault valeria a pena escrever? O Foucault esotérico, por exemplo. Isso deveria ser escrito. Poderia dar um romance espetacular. A vida de Foucault é muito difícil de entender sem essas experiências sexuais. Não é apenas o HIV, não é apenas a loucura, não é apenas a doença. É outra coisa. É o prazer. Não gosto muito da ideia de doença. O que motivou Foucault a escrever a *História da Sexualidade* não foi o HIV, mas a sexualidade. Há vários homossexuais com HIV, mas isso não os torna autores

da *História da Sexualidade*. É inútil fazer esse tipo de raciocínio linear. Parece-me claro que o interesse de Foucault pela sexualidade gira ao redor do prazer e, especificamente, do prazer sexual. O livro *Foucault à Varsovie* é muito interessante porque reconstrói toda essa vida da homossexualidade, dos grupos homossexuais na Polônia ocupada. E o livro sobre Catherine Robbe-Grillet também.

NSK: Bem, uma última pergunta. Já com a publicação dos cursos, algumas leituras que se propunham foucaultianas mostraram não ser tão foucaultianas quanto se pensavam. O que podemos esperar a partir dos novos trabalhos que ainda estão por vir?

EC: No momento, uma releitura filosófica de Foucault. Acho que esse é o primeiro efeito. Não temos mais o registro oral dos cursos, que deixou o leitor mal-acostumado. Não estou dizendo que os cursos sejam fáceis, mas eles têm um registro que pode ser seguido; com os inéditos é preciso arregaçar as mangas. É a revanche de Foucault; é como se dissesse: “com a bagunça que vocês fizeram com a biopolítica, agora tenham isso, agora eu quero ver vocês”. Como digo, é a vingança de Foucault.

NSK: Excelente, Edgardo. Muito obrigado por sua disponibilidade.



Recebida e aceita em 08/03/2025.

Publicada em 31/03/2025.